



JESUS CRISTO COMO MODELO DO PREGADOR E DA PREGAÇÃO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

  Clacir Virmes Junior^{1,*}

RESUMO

O objetivo deste artigo é descobrir, por meio do testemunho dos evangelhos canônicos, um perfil de Jesus como pregador e de Sua pregação e contribuir para o desenvolvimento de uma teologia bíblica que tenha implicações na teoria e prática da pregação cristã contemporânea. O estudo parte do método gramático-histórico, usa a metodologia exegética para coleta e análise dos dados e emprega uma interpretação sinótica dos textos. O principal achado desta investigação foi o modelo bíblico cristocêntrico, ainda que incipiente, para a teoria e prática da pregação.

Palavras-chave: Pregação; Evangelhos Sinóticos; Teologia Exegética; Teologia Bíblica.

ABSTRACT

The aim of this article is to discover, through the testimony of the canonical gospels, a profile of Jesus as a preacher and of His preaching, and to contribute to the development of a biblical theology that has implications for the theory and practice of contemporary Christian preaching. The study employs the grammatical-historical method, uses exegetical methodology for data collection and analysis, and employs a synoptic interpretation of the texts. The main finding of this investigation was a Christocentric biblical model, albeit incipient, for the theory and practice of preaching.

Keywords: Preaching. Synoptic Gospels. Exegetical Theology. Biblical Theology.

¹ Teólogo, Doutorando em Novo Testamento pela Andrews University, Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste, Brasil.

Submissão: 07/2025

Aceite: 12/2025

***Autor correspondente:**

clacir.junior@adventista.edu.br

Como citar

VIRMES JUNIOR, C. Jesus Cristo como modelo do pregador e da pregação nos Evangelhos Sinóticos. **Práxis Teológica**, volume 21, número 1, e-2332, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e2332>.



INTRODUÇÃO

A teologia e a prática da pregação têm uma longa história,¹ contudo ainda não foi desenvolvida uma teologia bíblica e/ou sistemática abrangente sobre o assunto. Uma das dificuldades está relacionada ao fato de a prática da pregação ter surgido antes da reflexão sobre ela. Ao mesmo tempo, a teologia da pregação começa pelo reconhecimento de que Deus é, em primeira instância, o pregador por excelência (Long, 1993, p. 462). Segundo esse autor, qualquer teologia da pregação é, em essência, a tentativa de entender, em todos os níveis possíveis, o que acontece quando qualquer membro da comunidade cristã prega o evangelho (Long, 1993, p. 461). O que ocorre, porém, quando buscamos desenvolver uma teologia bíblica da pregação a partir da pessoa e obra de Cristo?

O objetivo deste artigo é descobrir, por meio do testemunho dos evangelhos canônicos, um perfil de Jesus como pregador e de Sua pregação, e contribuir para o desenvolvimento de uma teologia bíblica que tenha implicações na teoria e na prática da pregação cristã contemporânea. Para isso, ele está dividido em quatro partes. Começamos discutindo os principais termos relacionados à pregação presentes nos evangelhos. Em seguida, com base no levantamento das perícopes em que tais termos ocorrem, abordamos o tema da pregação nos evangelhos sob três perspectivas inter-relacionadas: Jesus como pregador; a pregação de Jesus; e as instruções de Jesus sobre a pregação.

Levamos em conta apenas os textos² nos quais Jesus aparece como o sujeito dos verbos relacionados à pregação ou onde esses verbos e/ou outros termos vêm com esse sentido nas palavras de Cristo registradas nos evangelhos. Na discussão das perícopes, o material será tratado de acordo com a ordem canônica dos evangelhos. Por se tratar de um estudo com foco nos evangelhos, propomos uma interpretação sinótica dos textos, não necessariamente enfatizando as nuances particulares de cada evangelista quanto ao assunto. Utilizamos a metodologia exegética de Stuart e Fee (2008), tendo como pressuposto o método gramático-histórico, conforme defendido por Davidson (2011, p. 67-119). A abordagem hermenêutica baseou-se principalmente na teoria e princípios elencados por Osborne (2009).

Este estudo tem como base o conteúdo dos evangelhos sinóticos; assim, não abordaremos a teologia da pregação no evangelho de João.³ Além disso, como limitamos metodologicamente esta pesquisa a um subgrupo de termos relacionados à pregação, conforme a discussão da próxima seção, os grandes sermões de Jesus nos evangelhos, como o Sermão do Monte (Mt 5-7) e o Discurso Escatológico (Mt 24-25; Mc 13; Lc 21), não serão objeto de nossa análise.

¹ Breves apanhados históricos sobre a pregação no contexto do cristianismo em geral ou do cristianismo primitivo podem ser encontrados em: Rice (1993, p. 494-496); Bodey (1993, p. 298-298); Neusner e Green (1996, p. 498-499); Bromiley (2005, p. 331-335); Saperstein (2005, p. 351-353); Dober (2005, 1707-1710); e Fatti (2014, p. 274-280). Uma exposição mais completa da história da pregação pode ser vista em Edwards Junior (2004). As referências completas desses autores e de outros citados ao longo do texto estão listadas ao final do artigo.

² Consideramos como unidades basicamente as perícopes definidas por Bock (2006, p. 7-14), com pequenas modificações, quando necessário, para um entendimento melhor do contexto dos textos.

³ No quarto evangelho, apesar de aparecerem outros termos ligados à pregação, há grande ênfase na palavra *logos*. Ela é usada para referir-se tanto a Cristo (Jo 1:1-3, 14) quanto a pregação (Jo 5:24; 6:60). A implicação básica é que a pregação tem de anunciar as verdades que Jesus anunciou e falar da própria pessoa de Cristo.

O VOCABULÁRIO RELACIONADO À PREGAÇÃO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Para entendermos Jesus como pregador, Sua mensagem e como isso deveria afetar a teoria e a prática atuais da pregação, é necessário primeiro estabelecer quais termos gregos se referem à pregação e em que medida estão associados ao que o Novo Testamento (NT), especialmente os evangelhos sinóticos, relatam sobre a vida e ministério de Cristo.⁴ Feito isso, poderemos estudar a vida de Jesus como modelo para a vida do pregador e para sua prática como tal.⁵

No NT há três verbos gregos que, fundamentalmente, expressam a ideia de pregar como ação: *kēryssō*, *euangelizō* e *angellō* – este último aparece de várias maneiras, especialmente por meio da prefixação de preposições.⁶ Além do mais, os substantivos gregos que denotam o conteúdo da pregação são, basicamente, *kērygma*, *euangelion* e *logos*. Há muitos outros termos que podem, contextualmente, estar associados à pregação (Craddock, 1992, p. 451-452).⁷ Devido a limitações de espaço, nos atemos aos verbos⁸ e substantivos mencionados, o que já será suficiente para estabelecermos um quadro abrangente, embora não exaustivo, de Cristo como pregador e do conteúdo de Sua pregação. A seguir, discutimos brevemente o significado geral dessas palavras.

O verbo *kēryssō* tem duas acepções básicas: 1) anunciar de maneira formal e/ou oficial, normalmente por intermédio de um arauto ou equivalente; ou 2) anunciar de maneira pública, sem necessariamente implicar a presença de um oficial (Louw; Nida, 1996, N 3062). Na literatura grega, ele estava ligado à função do arauto (*kēryx*), como alguém enviado por uma pessoa com poderes políticos (rei, governador etc.). O arauto sempre transmitia a mensagem e a intenção daquele que o enviava, e suas palavras tinham, sob quaisquer circunstâncias, um caráter oficial. Na Septuaginta (LXX), traduz especialmente o verbo hebraico *qara'*, “chamar”, “proclamar”. Relacionado à atividade profética, ele aparece no contexto das proclamações de juízo (Jl 2:1) e do anúncio da libertação do cativeiro (Is 61:1) (Silva, 2014, p. 674-675). O termo correlato *kērygma* significa “aquilo que é proclamado em voz alta”, “proclamação”, no sentido de um anúncio oficial ou de uma declaração pública.⁹

O significado básico do verbo *angellō* é “entregar uma mensagem, normalmente em um

⁴ David Butrick (1995, p. 385) declara que há mais de 30 termos no NT que descrevem o que nós chamamos de “pregação”. O autor cita alguns exemplos, mas infelizmente não fornece uma lista completa.

⁵ Aqui cabe a ressalva equilibrada de Griffiths (2017, p. 17): “Não podemos esperar desenvolver um entendimento completo do retrato do Novo Testamento sobre a pregação meramente pelo estudo do vocabulário grego que ele usa em conexão com essa atividade. [...] Contudo, é igualmente verdade que um entendimento do vocabulário chave e seu uso no Novo Testamento são um fundamento necessário”. Esta e outras citações neste texto são traduções livres do autor.

⁶ Por exemplo, *anangellō*, *apangellō*, *diangellō*, *katangellō*, *parangellō*, *prokatangellō* etc.

⁷ A fluidez da linguagem ligada à pregação no NT pode ser vista em pelo menos um exemplo dado por Silva (2014, p. 679). Em 1Ts 2:2 lê-se, literalmente, “falar/contar (*laleō*) o evangelho a vocês”, enquanto no v. 9 do mesmo capítulo Paulo declara: “proclamamos/pregamos (*kēryssō*) o evangelho a vocês”. Assim, no contexto, o verbo *laleō* tem o mesmo significado de *kēryssō*. Mais à frente veremos outros exemplos deste fenômeno nos evangelhos sinóticos.

⁸ No caso dos verbos cuja raiz é *angellō*, levamos em consideração apenas aqueles que tem o sentido de anunciar/pregar nos evangelhos sinóticos.

⁹ BDAG, s.v. “*kērygma*, *atos*, *to*”.

contexto público”, portanto “anunciar”. Com o desenvolvimento do dialeto koinê, as formas compostas (*anangellō*, *apangellō* etc.) se tornaram mais frequentes, mas transmitiam ainda o sentido original simples. Por exemplo, há cerca de 250 ocorrências do verbo *anangellō*, e o verbo *apangellō* aparece outras 250 vezes na LXX, mas não há diferença semântica discernível entre eles. Enquanto os termos relacionados ao verbo *angellō* já têm na literatura grega uma ampla conotação religiosa, essas palavras aparecem com frequência na LXX relacionadas à obra dos profetas (Is 42:9; Ag 1:13; Ml 3:1). No NT, esse grupo de palavras derivadas de *angellō* é utilizado tanto para uma conversa comum quanto para referir-se de maneira quase técnica ao anúncio dos atos salvíficos de Deus (Broer, 1990, p. 12; Danker; Bauer; Arndt; Gingrich, 2000, p. 8; Silva, 2014, p. 116-118).

A palavra *euangelion*¹⁰ surge da união do advérbio *eu* (“bem”, “bom”) com o substantivo *angelos*¹¹ (“mensageiro”), e significa “boa-nova”, “boa notícia”. A partir dela desenvolveu-se o verbo *euangelizō*, “trazer boas-novas”, “anunciar boas-novas” ou, de maneira mais técnica no NT, “proclamar o evangelho”, isto é, a vida, a morte, a ressurreição e os ensinos de Jesus. Enquanto o verbo *euangelizō* aparece com frequência – cerca de 55 vezes nos evangelhos sinóticos –, a palavra *euangelion* ocorre muito mais nos escritos paulinos (em 60 das 75 ocorrências) (Strecker, 1990, p. 69-70; Strecker, 1990, p. 70-74; Danker; Bauer; Arndt; Gingrich, 2000, p. 402-403; Silva, 2014, p. 116-118).

Por fim, a palavra *logos* aparece repetidamente nos escritos de João e tem forte carga teológica,¹² porém, seu significado básico é “palavra”, “declaração”. Ela se faz presente com frequência no NT (cerca de 330 vezes) e pode designar uma questão (Mt 21:24), uma ordem (Lc 4:36), uma história ou notícia (Mt 28:15; Mc 1:45), um ditado (Tg 4:37) e uma profecia (Jo 18:32), entre outros (Danker; Bauer; Arndt; Gingrich, 2000, p. 598-601). Por causa do seu sentido fundamental ligado ao falar humano, *logos* tem um amplo campo semântico e pode estar relacionado também ao que entendemos como pregação (Lc 4:32; 1Co 2:4; 1Tm 5:17).

Com base nesse breve estudo, nosso procedimento será agora discutir os textos dos evangelhos nos quais tais termos aparecem. Primeiramente nos concentraremos em como essas passagens descrevem Jesus como pregador, e depois abordaremos as passagens que enfatizam aspectos relacionados ao conteúdo de Sua mensagem. Finalmente, consideraremos as instruções diretas de Cristo sobre a pregação dadas aos discípulos.

JESUS COMO PREGADOR NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Conforme indicado anteriormente, iniciamos nossa discussão sobre o retrato de Jesus como pregador nos evangelhos sinóticos discutindo os textos do primeiro evangelho canônico. Mateus 4:23-25 marca a transição do chamado dos primeiros discípulos (Mt 4:18-22) para o Sermão do Monte (Mt 5-7). Com três verbos, o evangelista resume o ministério itinerante de Cristo: “Jesus foi por toda a Galileia, ensinando [*didaskōn*] nas sinagogas deles, pregando [*kēryssōn*] as boas-novas do Reino e

¹⁰ Cf. uma discussão suscinta sobre o uso e significado da palavra *euangelion* no NT em Guelich (1989, p. 13-14).

¹¹ Esse é o termo que dá origem a palavra portuguesa para “anjo”.

¹² Cf. uma discussão atualizada sobre o uso da palavra *logos* no evangelho de João em Silva (2014, p. 166-169).

curando [*therapeuōn*] todas as enfermidades e doenças entre o povo” (Mt 4:23).¹³

Em 1937, Charles H. Dodd postulou que há uma distinção entre “pregar” e “ensinar” no NT. Seu objetivo era chegar ao cerne da pregação cristã, o anúncio das boas-novas da salvação, sem a interferência da teologia que se desenvolveu depois (Dodd, 1937, p. 1-49).¹⁴ Contudo, parece que ele não levou em conta o paralelo sinótico entre Mateus 4:23 e Lucas 4:44.¹⁵ Depois da tentação no deserto, Jesus voltou para a Galileia e ali, segundo Lucas, “ensinava nas sinagogas” (Lc 4:14-15). A partir daqui o restante do capítulo gira em torno das interações de Jesus com as pessoas dentro ou ao redor da sinagoga. No verso 44 do mesmo capítulo, Lucas diz: “E continuava pregando nas sinagogas da Judeia”.¹⁶ Claramente para Lucas, pregação e ensino eram duas faces da mesma moeda.

A mesma perspectiva pode ser encontrada no próprio evangelho de Mateus. Ao Jesus terminar Seu sermão, o evangelista faz o seguinte relato sobre a reação dos ouvintes: “Quando Jesus acabou de dizer essas coisas [*logous*], as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino [*didachē*], porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei” (Mt 7:28-29).¹⁷ Aqui a palavra *logous* refere-se a todo o conteúdo do Sermão do Monte. Apesar de o paralelo em Marcos 1:21-22 enfatizar o ensino de Jesus na sinagoga, Mateus e Lucas (4:31-32) equalizam pregação/sermão com ensino.

Além disso, esses textos paralelos destacam a autoridade de Jesus como pregador. Ao contrário dos mestres da lei, que derivavam sua autoridade de seu apelo à tradição, Cristo tinha autoridade em Si mesmo. Isso se devia ao fato de que era o Messias, o Filho de Deus. Posteriormente, Cristo dá parte dessa autoridade aos discípulos (Mt 10:1) e é por ela que a igreja é comissionada a pregar (Mt 28:18) (Hagner, 1995, p. 193-194). A autoridade dos pregadores hoje deriva da autoridade de Cristo e lhes é concedida na medida em que cumprem a missão.

Mateus 9:35 faz mais uma vez um sumário do ministério itinerante de Jesus usando os mesmos verbos encontrados em Mateus 4:23: “Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando [*didaskōn*] nas sinagogas, pregando [*kēryssōn*] as boas-novas do Reino e curando [*therapeuōn*] todas

¹³ Salvo indicação contrária, as citações bíblicas são da Nova Versão Internacional (NVI). Outras versões citadas são a Almeida Revista e Atualizada (ARA), Almeida Século 21 (A21), Nova Almeida Atualizada (NAA), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e Bíblia de Jerusalém (BJ).

¹⁴ Um resumo do que Dodd entendeu como o núcleo da proclamação apostólica na igreja primitiva pode ser encontrado em Buttrick (1985). Apesar de não ter a mesma agenda, Hendriksen (2010, p. 307) defende a distinção entre pregar e ensinar, mas também diz que há “diferença entre pregação e ensino, embora seja verdade que boa pregação é também ensino”. Por outro lado, Hagner (1995, p. 80) insiste em que “tal ensino [o ensino de Jesus] é inseparável da pregação das ‘boas-novas do reino.’ Assim, *didaskōn* e *kēryssōn* aqui estão juntos e nenhuma diferença importante deve ser vista entre as palavras”.

¹⁵ Outro texto paralelo é Mc 1:39. Comparado com sua contraparte em Mt 4:23, ele parece indicar que incluído no ministério de cura de Jesus estava a expulsão de demônios das pessoas.

¹⁶ Alguns manuscritos, em vez de “Judeia” (*Ioudaias*), trazem “Galileia” (*Galilaias*). A substituição de um termo por outro parece ser uma tentativa escribal de harmonizar esse texto com os paralelos em Mateus e Marcos (Metzger, 1994, p. 114). De acordo com Nolland (1989, p. 216), Lucas dá a entender que o padrão dos acontecimentos durante o ministério de Jesus na Galileia repetiu-se, de alguma maneira, quando Ele passou pela região da Judeia.

¹⁷ Quatro dos textos do evangelho de Mateus discutidos nesta seção aparecem nas transições das grandes divisões do livro (Mt 7:28-29; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1), cuja estrutura é marcada por uma narrativa seguida de um discurso (ou sermão) de Jesus (Carson; Douglas, 2005, p. 135-136). O único texto que não será abordado aqui é Mt 13:53, que, apesar de encerrar a grande seção das parábolas de Cristo (Mt 13), não contém o vocabulário específico relacionado à pregação, conforme a discussão da primeira parte deste capítulo.

as enfermidades e doenças”. Contudo, o contexto da perícope, especialmente os versos 36-38, e seus paralelos sinóticos (Mc 6:6b; Lc 8:1) revelam outra faceta da pregação de Cristo. Ao olhar para as multidões, tem compaixão delas. Usando uma metáfora agrária, fala aos discípulos sobre a necessidade de mais trabalhadores para dar conta da colheita. Dois aspectos se destacam aqui. Primeiro, Lucas mostra que enquanto Jesus “andava [...] pregando [*kēryssōn*] e anunciando o evangelho [*euangelizomenos*] do Reino de Deus” (Lc 8:1, ARA) os discípulos estavam com Ele. Segundo, tanto em Mateus (10:1-42) quanto em Marcos (6:7-13) esse momento é seguido do envio dos discípulos à sua primeira jornada como pregadores. Parece que aqui é descrito um processo de discipulado no qual os discípulos acompanham o discipulador por um tempo e depois são enviados para fazer o mesmo trabalho, multiplicando seu impacto.

Isso fica patente mais à frente no evangelho de Mateus. Depois de dar uma série de instruções aos discípulos, o evangelista diz: “Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar [*kēryssein*] nas cidades deles” (Mt 11:1). Por algum tempo pelo menos, Cristo estava pregando nas cidades enquanto os discípulos faziam o mesmo trabalho em outros lugares (Mounce, 2011, p. 102).

Mateus 19:1-2 marca mais uma transição entre as grandes seções do livro: “Tendo acabado de dizer essas coisas [*logous*], Jesus saiu da Galileia e foi para a região da Judeia, no outro lado do Jordão. Grandes multidões o seguiram, e ele as curou ali”. O texto paralelo em Marcos 10:1, além de mencionar a cura das pessoas, indica que Cristo continuou seu ministério de ensino. Na verdade, enquanto Mateus diz que Jesus curou as multidões, Marcos afirma que Ele as ensinou. O ministério da pregação de Cristo andava de mãos dadas com o de cura.

Além do mais, uma vez que Mateus 19:1-2 alude ao discurso de Jesus no capítulo 18, destacamos um ponto interessante na abordagem de Cristo, apesar de não podermos lidar com todos os detalhes do texto. Nas três grandes seções nas quais o capítulo pode ser dividido, Ele ensina três pontos diferentes (Mt 18:1-9; 10-14; 15-35). Em cada seção, Jesus tem um aspecto da verdade para proclamar e uma ilustração, no formato de uma parábola, que ilumina cada ponto. De nossa perspectiva atual, suas ilustrações podem até se tornar o próprio conteúdo do sermão; no contexto do evangelho, tais histórias e imagens são usadas para aprofundar a verdade que Cristo quer ensinar.

Em Mateus 26:1-5, o evangelista encerra o discurso escatológico de Cristo e as correspondentes parábolas contadas nesse contexto (Mt 24-25) e faz a transição para o relato de Sua paixão. Ele diz: “Tendo dito essas coisas [*logous*], disse Jesus aos seus discípulos: ‘Como vocês sabem, estamos a dois dias da Páscoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado’” (Mt 26:1-2). Basicamente, o evangelho de Mateus está estruturado em cinco grandes seções que alternam discurso (sermão) e narrativa.¹⁸ Nas palavras de Nunes (2007, p. 71-72), a “estrutura e a nomenclatura desses cinco grandes blocos e seus respectivos discursos difere entre os eruditos”. Mesmo assim, segundo ele, a “estrutura organizada na forma de alternância entre a narrativa/disco

¹⁸ Cf. a discussão sobre essa estrutura em Carson e Moo (2005, p. 134-140).

Mateus, estava alinhado por uma teologia que interconectava todos os assuntos.

Passando para o segundo evangelho canônico, Marcos 1:38-39 diz: “Jesus respondeu: ‘Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue [*kēryxō*]. Foi para isso que eu vim’. Então ele percorreu toda a Galileia, pregando [*kēryssōn*] nas sinagogas e expulsando os demônios”. Sob a ótica de Marcos, é importante destacar que essa iniciativa de Cristo é precedida por um momento de oração iniciado de madrugada. O texto paralelo em Lucas não chega a destacar, nesse episódio, a vida de oração de Jesus, mas enfatiza a mesma atitude do Mestre em percorrer vários lugares com a mensagem do evangelho: “Sendo dia, saiu e foi para um lugar deserto; as multidões o procuravam, e foram até junto dele, e instavam para que não os deixasse. Ele, porém, lhes disse: É necessário que eu anuncie o evangelho [*euangelisasthai*] do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado. E pregava [*kēryssōn*] nas sinagogas da Judeia” (Lc 4:42-44).

Dois aspectos chamam a atenção aqui. Primeiro, a comparação entre os relatos mostra que o que Marcos chama de “pregar”, Lucas chama de “evangelizar”. O próprio Lucas parece fazer essa relação, alternando entre os dois verbos. Segundo, os dois evangelistas demonstram que Jesus não se deixava levar pelo sucesso de seu ministério e pregava onde era necessário, não apenas onde era requisitado por Sua fama.

Estando numa casa em Cafarnaum,¹⁹ a multidão foi aonde Ele estava para ouvi-lo: “Então muita gente se reuniu ali, de forma que não havia lugar nem junto à porta; e ele lhes pregava²⁰ a palavra [*logon*]”²¹ (Mc 2:2). De acordo com Guelich, a “palavra” – especialmente no evangelho de Marcos, mas também de maneira geral ao longo de todo o NT –, refere-se à mensagem pregada por Jesus relacionada ao Reino de Deus (Guelich, 1989, p. 84-85).²² Portanto, não deve ser equalizada, no contexto, com o que chamaríamos tecnicamente de “Sagradas Escrituras”. Ao mesmo tempo, hoje temos acesso à mensagem sobre o Reino de Deus por meio dos evangelhos canônicos conforme eles aparecem na Bíblia. Assim, no contexto do evangelho de Marcos, “palavra” significou a pregação de Jesus sobre o Reino de Deus, mas para os pregadores que veem Cristo como modelo, isso significa pregar os evangelhos em particular e a Bíblia em geral como a mensagem do Reino de Deus para os dias atuais.

Marcos 3:13-18 descreve o chamado dos discípulos que, posteriormente, se tornariam o grupo conhecido como “os Doze”, ou seja, os doze apóstolos (Lc 6:13). Os versos 14-15 enfatizam mais uma vez a ideia do discipulado dentro do ministério de pregação de Cristo: “Escolheu doze, designando-os apóstolos, para que estivessem com ele, os enviasse a pregar [*kēryssein*] e tivessem autoridade para expulsar demônios”. O mesmo tema aparecerá posteriormente em Marcos 6:7-13 (e seu paralelo em Mt 10:1-4), no qual esse “programa de treinamento” de Cristo chega ao que chamaríamos de “estágio prático”, quando os discípulos são enviados para fazer a mesma obra de pregação, cura e exorcismo que viram seu Mestre realizar.

¹⁹ De acordo com France (2002, p. 122), provavelmente essa era a casa de Simão e André mencionada em Mc 1:29.

²⁰ Literalmente, “falava (*elalei*) a eles a palavra”. Aqui temos mais um exemplo do verbo *laleō* usado no sentido de pregar, anunciar, como pode ser visto nas traduções em língua portuguesa (NVI, ARA).

²¹ Note-se que enquanto o evangelho de Marcos usa a expressão “anunciava”/“pregava”, o texto paralelo de Lc 5:17 diz “ensinava”.

²² Cf. mais adiante neste capítulo alguns aspectos dessa mensagem.

Depois de uma série de quatro parábolas, Marcos informa ao leitor do seu evangelho o método de apresentação que Jesus usava ao transmitir Sua mensagem: “Com muitas parábolas semelhantes Jesus lhes anunciava²³ a palavra [*logon*], tanto quanto podiam receber. Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola. Quando, porém, estava a sós com os seus discípulos, explicava-lhes tudo” (Mc 4:33-34). Mais uma vez é enfatizado o papel das ilustrações na pregação de Jesus.

O texto paralelo em Mateus é digno de nota. Ali, o evangelista cita o Salmo 78:2 como uma profecia que apontava para a maneira como o Messias transmitiria sua mensagem: “Jesus falou todas estas coisas à multidão por parábolas. Nada lhes dizia sem usar alguma parábola, cumprindo-se, assim, o que fora dito pelo profeta: ‘Abrirei minha boca em parábolas, proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo’” (Mt 13:34-35). Blomberg (2007) explica que no contexto original do salmo, o verso citado pelo evangelista usa o paralelismo típico da poesia hebraica, com a segunda linha (“proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo”) explicando a primeira (“Abrirei minha boca em parábolas”). Portanto, a função das parábolas é anunciar aquilo que estava oculto. O “foco aqui”, diz o autor, “não é a natureza críptica ou a função de ocultação do discurso parabólico, mas seu poder revelatório” (Blomberg, 2007, p. 48-50). Dessa maneira, Jesus se alinha ao ofício profético do Antigo Testamento (AT). Ele revela, por meio de parábolas, o que estava oculto às gerações anteriores. Portanto, as ilustrações (parábolas) devem revelar, não ocultar a verdade.

Chegamos, então, a Lucas para ver de que modo Jesus é apresentado ali como pregador. A perícope de Lucas 5:1-11 é a narrativa do chamado de Pedro, André, Tiago e João para o discipulado (cf. o paralelo em Mt 4:18-22). O relato começa assim: “Certo dia Jesus estava perto do lago de Genesaré, e uma multidão o comprimia de todos os lados para ouvir a palavra [*logon*] de Deus” (Lc 5:1). O mesmo tema encontrado em Marcos 2:2, a multidão reunida para ouvir Jesus, aparece aqui. A única diferença é o ambiente: em Marcos, uma casa; em Lucas, uma praia. A expressão “palavra” é uma referência à pregação sobre o Reino de Deus feita por Cristo e pela igreja cristã primitiva (Nolland, 1989, v. 35A, p. 221). Ademais, pode-se destacar o fato de que tanto um ambiente mais intimista (como uma casa)²⁴ quanto um espaço público (uma praia) eram, para Jesus, lugares apropriados para compartilhar a mensagem que trazia.

Em Lucas 20:1-8, Jesus se encontra no templo quando é interpelado pelos líderes judeus quanto à autoridade de Seu ministério (cf. os paralelos em Mt 21:23-27; Mc 11:27-33). Diz o evangelista: “Aconteceu que, num daqueles dias, estando Jesus a ensinar [*didaskontos*] o povo no templo e a evangelizar [*euangelizomenou*], sobrevieram os principais sacerdotes e os escribas, juntamente com os anciões” (Lc 20:1, ARA). Anteriormente já vimos que, ao contrário das ideias de Dodd, não há, pelo menos do ponto de vista dos evangelhos sinóticos, uma distinção rígida entre pregação e ensino. Aqui, o termo “ensinar” está em paralelo com a palavra “evangelizar”. Portanto, “pregação”, “evangelização” e “ensino” são três facetas da mesma atividade de anúncio da mensagem bíblica. Ademais, Lucas mostra outro ambiente para a pregação de Cristo, o templo.

²³ Cf. nota 31 sobre o uso do verbo *laleō*.

²⁴ Keener (2014, p. 133) comenta que, de acordo com as escavações arqueológicas, uma casa média em Cafarnaum tinha capacidade máxima para cerca de 50 pessoas em pé, próximas umas às outras.

A PREGAÇÃO DE JESUS NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Nesta seção discutimos como a pregação de Jesus é apresentada nos evangelhos sinóticos, seguindo, mais uma vez, a ordem canônica. O relato de Mateus 11:2-6 e seu paralelo em Lucas 7:18-22 falam do momento em que os discípulos de João Batista são enviados até Jesus com a pergunta do profeta sobre sua messianidade. A isso, Cristo responde: ““Voltem e anunciem [apangeilate] a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas-novas são pregadas [euangelizontai] aos pobres; e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa”” (Mt 11:4-6).

É importante notar que, na versão lucana, Jesus não responde a pergunta imediatamente. Em vez disso, realiza alguns dos milagres descritos e só então pede aos discípulos de João que retornem e anunciem ao seu mestre as provas de que Ele era, em verdade, o Cristo. Aqui se ressalta que o próprio Jesus e suas ações eram o conteúdo da mensagem a ser dada a João.

Mais à frente, Cristo é interpelado por fariseus e escribas que Lhe pedem um sinal miraculoso para que venham a crer em Sua mensagem.²⁵ Jesus responde fazendo alusão a dois personagens do AT: Jonas e Salomão. Para nosso estudo, nos concentraremos no primeiro: “Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação [kērygma] de Jonas, e agora está aqui o que é maior do que Jonas” (Mt 12:41). Três pontos se destacam aqui: 1) a pregação de Jonas e a de Cristo estão, de alguma forma, relacionadas; 2) a pregação de Jesus excede a pregação do profeta;²⁶ e 3) enquanto a pregação de Jonas foi acolhida pelos ninivitas, a mensagem de Cristo foi rejeitada por muitos dos seus contemporâneos. Mesmo a pregação dEle não conseguiu converter todos os que O ouviram.

Mateus registra a história da mulher que ungiu os pés de Jesus em Betânia (cf. o paralelo em Mc 14:3-9). Nosso interesse está nas palavras finais do Mestre: ““Eu lhes asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho [euangelion] for anunciado [kērychthē], também o que ela fez será contado, em sua memória”” (Mt 26:13). Jesus uniu a história do amor, devoção e gratidão da mulher à sua própria mensagem (Hagner, 1995, p. 758). É importante notar que, propositalmente, o nome dessa mulher é omitido. O foco não está nela, mas em sua ação e no objeto de sua devoção (Nolland, 2005, p. 1056-1057). Ao repetir a mesma expressão (“este evangelho”) de Mateus 24:14 no contexto de Sua iminente crucifixão, Jesus indicou que a mensagem evangélica não diz respeito apenas a Seus ensinos, mas também à Sua vida e morte (France, 1985, p. 367). Além disso, o testemunho do que a mulher fez está ligado à proclamação do evangelho, não à proclamação dela mesma. Isso deveria nos fazer ponderar se o espaço que temos dado ao testemunho pessoal dentro do anúncio das boas-novas da salvação não está tomando o lugar do próprio evangelho.

Na manhã da ressurreição, Jesus dá a seguinte instrução às mulheres que haviam ido ao túmulo: “Então Jesus lhes disse: ‘Não tenham medo. Vão dizer [apangeilate] a meus irmãos que se

²⁵ O relato paralelo em Lc 11:29-32 não menciona explicitamente a pergunta dos líderes judeus, registrando apenas a declaração de Jesus.

²⁶ Na verdade, de acordo com France (1985, p. 217), a expressão “maior que” em Mt 12:6, 41-42 demonstra que Cristo transcende os ofícios sacerdotal, real e profético. Ele é a realidade última para a qual todos estes ofícios apontavam.

dirijam para a Galileia; lá eles me verão”” (Mt 28:10). Com Sua presença, Cristo anuncia Sua ressurreição, e ela se torna o conteúdo da mensagem a ser dada, em primeiro lugar, aos discípulos e, depois, anunciada a todo o mundo.

O evangelho de Marcos²⁷ tem a referência mais explícita acerca do conteúdo da pregação de Cristo: “Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galileia, proclamando [*kēryssōn*] as boas-novas [*euangelion*] de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas [*euangeliō*]!’” (Mc 1:14-15). A mensagem de Jesus estava ligada ao cumprimento das profecias do AT, à inauguração do Reino de Deus, ao arrependimento e à fé. Nas palavras de Guelich (1989, p. 46),

Para Marcos, Jesus era tanto aquele que proclamou as boas-novas de Deus em termos da vinda do prometido governo redentivo de Deus e aquele através de quem as boas-novas foram efetivadas na história. Jesus, aquele pregando o evangelho de Deus, assim se torna parte daquilo que é pregado como o evangelho.

A parábola do semeador e sua correspondente explicação aparece nos três evangelhos sinóticos (Mt 13:1-23; Mc 4:1-20; Lc 8:1-15). Aqui tomamos o texto de Marcos como base para uma rápida análise do significado dessa parábola no contexto da pregação de Jesus.²⁸ Ao esclarecer o significado da história aos discípulos, o Mestre diz: “O semeador semeia a palavra [*logon*]” (Mc 4:14). A imagem de Deus como o semeador era conhecida pelos judeus, especialmente na literatura rabínica; contudo, o fato de Jesus não explicar diretamente, no contexto da parábola, quem é o semeador pode implicar que, por extensão, Ele mesmo deva ser identificado também com o personagem. Portanto, primariamente, Jesus espalha a palavra de Deus (Lc 8:11), e ela é recebida de quatro maneiras diferentes: 1) alguns não têm qualquer interesse na mensagem por causa da influência do mal; 2) outros disfarçam seu compromisso superficial; 3) um grupo realmente se convence da verdade, mas acaba sucumbindo às dificuldades próprias do discipulado; e 4) há aqueles que verdadeiramente recebem a palavra e cuja vida frutifica no Reino de Deus.

De acordo com Blomberg (1990, p. 227), Jesus explica os detalhes da história para Seus discípulos “porque ele viu essa parábola como paradigmática” em relação à recepção da palavra de Deus em geral e do próprio evangelho em particular (cf. a expressão “palavra do reino” em Mt 13:19). Em outras palavras, por mais que a mensagem seja dada indiscriminadamente, nem todos a recebem de maneira positiva. Na verdade, no contexto da parábola, apenas um quarto das sementes encontra bom solo, mas seu fruto é abundante o suficiente para contornar a perda relacionada aos solos ruins. Jesus sabia que nem todos atenderiam ao convite do evangelho, mas isso não O frustrou. Ele continuou falando, mesmo que alguns não recebessem de forma positiva Seus ensinos e obras. Do mesmo modo, os pregadores de hoje precisam saber que a realidade de um mundo de pecado não permite o sucesso total e absoluto da pregação. O que conta é a fidelidade e o compromisso dos semeadores em espalhar a semente.

²⁷ O relato paralelo em Mt 4:12-17 coloca explicitamente o início do ministério de pregação de Cristo no contexto do cumprimento das profecias do AT. Já o evangelho de Lucas (4:14-15) enfatiza a presença do Espírito Santo na vida e obra de Jesus.

²⁸ O que apresentamos a seguir está grandemente baseado na análise de Blomberg (1990, p. 226-229). Uma ampla discussão sobre a versão mateana da parábola pode ser encontrada em Nunes (2007, p. 57-84).

Chegamos mais uma vez ao evangelho de Lucas. Todos os evangelhos sinóticos contam sobre a visita de Jesus à Sua cidade natal, Nazaré (Mt 13:53-58; Mc 6:1-6a; Lc 4:16-30), mas Lucas é o único a registrar o conteúdo do discurso dEle na sinagoga local. Cristo se levanta para o momento da leitura das escrituras hebraicas, no contexto da liturgia da sinagoga, e abre o texto de Isaías 61:1-2: ““O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas-novas [*euangelisasthai*] aos pobres. Ele me enviou para proclamar [*kēryxai*] liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar [*kēryxai*] o ano da graça do Senhor”” (Lc 4:18-19). Depois disso, Ele se senta e declara que a profecia tinha se cumprido, deixando implícito que era a pessoa de quem o profeta falava.

Há três pontos de destaque nesse texto que Cristo explicitamente relaciona com Seu próprio ministério. Em primeiro lugar, no contexto original de Isaías, essas palavras implicavam o reverso dos juízos impendentes sobre Jerusalém. As imagens usadas em Isaías apontavam metaforicamente para a condição oprimida do povo de Israel. A mensagem profética era para toda a sociedade e seria cumprida com a chegada da era escatológica marcada pelo aparecimento do Messias. Em segundo lugar, Jesus cumpre a profecia, não só em seus aspectos espirituais, mas literalmente (Lc 7:22). Com Cristo, ela se cumpre para os “pobres”, os marginalizados em geral; para os “cegos”, os que não tinham salvação (Lc 3:6); para os “cativos” por Satanás (Lc 13:10-17) (Pao; Schnabel, 2007, p. 288-289). Por fim, a profecia de Isaías cumprida no ministério terrestre de Jesus era uma mensagem de esperança centralizada no Messias. Semelhantemente, a pregação atual deve ser marcada por reavivar as esperanças das pessoas com foco na pessoa de Cristo.

Lucas 16:16 registra as seguintes palavras de Jesus: “A Lei e os Profetas profetizaram até João. Desse tempo em diante estão sendo pregadas as boas-novas [*euangelizetai*] do Reino de Deus, e todos tentam forçar sua entrada nele”.²⁹ Não é nosso intuito discutir as questões relacionadas com a segunda parte do verso e seu paralelo em Mateus 11:12;³⁰ o que nos interessa aqui é a ligação que Cristo faz entre sua mensagem e a do AT.

Há certa discussão sobre se a expressão “até João” deve ser vista como inclusiva ou exclusiva, ou seja, mostrando João Batista como o último profeta veterotestamentário ou como o iniciador de uma nova era profética assinalada pela vinda do Cristo. Todavia, fica claro que João é um símbolo da transição entre as profecias que apontavam para o Messias vindouro e a realidade/cumprimento dessas profecias e da chegada do Reino de Deus por intermédio de Jesus. Nas palavras de Bock (1994, p. 268): “Há uma era de promessa e uma era de pregação das boas-novas do cumprimento. A linha divisória é João”.

Mesmo que popularmente essas palavras sejam interpretadas como a abolição da lei ou a suplantação do AT pelo NT, não é a validade da lei e seus reclamos que finalizou com João, mas a atividade profética que deu origem ao que chamamos de AT (Marshall, 1978, p. 628). Note-se que a

²⁹ Algumas traduções mudam o verbo “profetizaram”, no texto de Lucas, por “vigoraram” (ARA, A21) ou “duraram” (NAA, NTLH). Contudo, a BJ capta exatamente o texto grego de Lc 16:16: “A Lei e os Profetas até João!”, uma vez que não há qualquer verbo na oração. A NVI usa o verbo “profetizaram” porque leva em conta o paralelo em Mt 11:13, onde ele aparece. Essa é a melhor interpretação para o texto de Lucas. Para Marshall (1978, p. 628), é provável que Lucas tenha preservado a força das palavras originais de Jesus, enquanto Mateus deixou mais explícito seu sentido.

³⁰ O texto de Mt 11:12 é conhecido como um dos textos mais desafiadores para a interpretação. Cf. um sumário das várias propostas dadas para a interpretação deste texto em Hagner (1995, p. 306-307).

pregação de Cristo dá continuidade à pregação de João Batista (Mt 3:2; Mc 1:15). Longe de desprezar o AT, Jesus une Sua mensagem a toda revelação anterior, em alguns momentos até mesmo ampliando e tornando, de certa maneira, os requisitos da lei mais profundos (Lc 10:25-28) (Nolland, 1989, p. 820). Os testamentos, Antigo e Novo, não estão em oposição, mas em complementação. A implicação para o pregador atual é que todo o conteúdo da revelação bíblica deve ser objeto de estudo e proclamação, não apenas o evangelho do NT, mas o de toda a Bíblia.

AS INSTRUÇÕES DE JESUS SOBRE A PREGAÇÃO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Nesta seção, discutiremos as instruções dadas por Jesus que têm impacto direto sobre a prática da pregação. O capítulo 10 de Mateus e seus paralelos sinóticos (Mc 6:7-12; Lc 9:1-6) constituem uma série de orientações do Mestre aos discípulos sobre como deveriam realizar o trabalho de evangelização que tinham já observado ele realizar. Três versículos são de interesse especial para nosso estudo: “Por onde forem, preguem [κέρυσσετε] esta mensagem: O Reino dos céus está próximo”; “Se alguém não os receber nem ouvir suas palavras [λογους], sacudam a poeira dos pés quando saírem daquela casa ou cidade”; “O que eu lhes digo na escuridão, falem à luz do dia; o que é sussurrado em seus ouvidos, proclaimem [κέριγξατε] dos telhados” (Mt 10:7, 14, 27).

No primeiro verso, Jesus os incumbe com a mesma mensagem que Ele mesmo até então pregara. A implicação é que os discípulos de Cristo hoje devem proclamar a mesma mensagem dada pelo Mestre, não algo que tenha brotado da imaginação deles.

Já o segundo verso (Mt 10:14) precisa ser entendido contra o pano de fundo dos costumes judaicos do primeiro século. Normalmente, quando um judeu viajava por terras estrangeiras, ao voltar sacudia o pó dos pés como um gesto de purificação (Hagner, 1995, p. 273; Keener, 2014, p. 71).³¹ Contudo, a menção a Sodoma e Gomorra no verso seguinte (Mt 10:15) parece indicar que esse ato simbólico se torna não mais um rito de purificação, mas um gesto de repúdio (Lc 10:11). No contexto, os discípulos são enviados às cidades de Israel, não a terras pagãs, o que poderia implicar que, com tal sinal, a cidade ou o grupo de pessoas que não recebesse os discípulos e sua mensagem seriam considerados terra pagã ou pagãos.³² Ao que parece, rejeitar a mensagem era rejeitar o mensageiro, e vice-versa. No final, não cabia aos discípulos revidarem de modo vingativo a rejeição recebida, mas ter a certeza de que Deus exerceria Seu juízo contra os que não dessem ouvido aos Seus mensageiros.

No terceiro verso (Mt 10:27), Jesus mais uma vez instrui os discípulos a proclamarem a mensagem que tinham ouvido dEle. O verso 26, juntamente com seu paralelo em Marcos 4:21-22, nos ajuda a entender o sentido das palavras de Cristo. Durante seu ministério, Jesus lhes deu muitas instruções e os ensinou de maneira particular. Após Sua ressurreição, esses mesmos ensinos deveriam

³¹ Nolland (2005, p. 420) rejeita essa noção, argumentando que não há relação entre esse costume rabínico e a orientação de Cristo aqui, enquanto France (1985, p. 185) avalia que esse pode ser um pano de fundo possível, mas que o aspecto da rejeição é o significado principal pretendido.

³² Morris (1992, p. 250) e Keener (2014, p. 206) veem certa ironia na instrução de Jesus: os discípulos deveriam tratar as terras judaicas que rejeitassem o evangelho como os judeus rejeitavam as terras pagãs. Cf. em At 13:51 e 18:6 os apóstolos cumprindo à risca a instrução de Cristo.

ser transmitidos onde quer que eles fossem, mesmo sobre os telhados das casas (Hagner, 1995, p. 285).³³ Assim, antes de difundirem a mensagem de Cristo, os pregadores precisam aprender de Cristo, ouvindo-Lhe as instruções e os ensinos.

Ainda em Mateus temos registrada a promessa de Jesus: “E este evangelho [*euangelion*]³⁴ do Reino será pregado [*kērychthēsetai*]³⁵ em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14).³⁶ Nas palavras de Keener (2014, p. 347), enquanto “Mateus 28:18-20 é uma comissão, [Mt] 24:14 é também uma promessa de que alguma geração terá sucesso em finalizar a tarefa que outros começaram”. Mateus enfatiza o alcance universal da pregação do evangelho e a certeza de que todos ouvirão as boas-novas da salvação antes que os eventos finais culminem com o retorno de Cristo. De acordo com Nolland (2005, p. 967), é “precisamente a missão universal que prepara [o mundo] para o escopo e significado universal do fim”.

Portanto, não importa onde seja, o evangelho do Reino deve ser pregado, desde a mais pequena vila até as grandes cidades, desde a nação onde o pregador está até o mais longínquo país. Isso deve encorajar os pregadores a não desanimarem nem se empolgarem demais, a depender do lugar onde são chamados a proclamar o evangelho. Onde quer que o fizerem, estarão cumprindo o mandato de Cristo em Mateus 24:14.

Marcos 5:1-20 conta a história do endemoniado de Gadara,³⁷ em que Cristo cura o homem que, por muito tempo, foi vítima de possessão demoníaca. Vendo-se livre dos espíritos maus, ele se propõe a acompanhar Jesus e Seus discípulos: “Jesus não o permitiu, mas disse: ‘Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes [*apangeilon*] quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você’” (Mc 5:19). Note-se que o foco do testemunho pessoal desse homem deveria ser a intervenção misericordiosa de Deus, não o tempo de aprisionamento espiritual. Isso precisa sempre estar na mente dos pregadores para que a obra destruidora de Satanás não se torne a ênfase da pregação, em vez do poder e graça de Cristo para com aqueles que sofrem as investidas do inimigo.

Chegando novamente a Lucas, temos a seguinte instrução de Jesus a um potencial discípulo:

³³ O verso paralelo em Lc 12:3 parece destacar outro ponto: o que os discípulos fazem em secreto, um dia será mostrado a todo o mundo. A ênfase é sobre o comportamento deles, a coerência de suas vidas. Nolland (2005, p. 436-436) entende que Lucas preservou a intenção original das palavras de Jesus, ao passo que Mateus luta com seu significado e como isso se encaixa em sua discussão a respeito da missão dos discípulos. Ao mesmo tempo, propõe que a ligação entre as duas versões é o movimento do oculto para o manifesto. Por outro lado, Marshall (1978, p. 514) sugere que os dois evangelistas tiveram acesso às palavras de Jesus de maneiras diferentes. É muito possível que durante Seu ministério Cristo tenha usado a mesma imagem e o mesmo dito para propósitos diferentes, ambos preservados nos evangelhos.

³⁴ De acordo com Hagner (1995, p. 695), a expressão “este evangelho” parece ser uma tentativa de Mateus de fazer uma ligação entre os ensinos de Jesus e o livro de Deuteronômio, onde aparece a expressão “este livro da lei” (Dt 29:21; 30:10), reforçando a ideia de que, no evangelho de Mateus, Jesus é apresentado como um novo Moisés.

³⁵ Recentemente, o conceito do “passivo divino” – a ideia de que construções passivas, especialmente no contexto do NT, são um circunlóquio para o nome de Deus e/ou tenham a Deus como agente – tem sido questionado a partir dos estudos linguísticos (Smit; Renssen, 2014, p. 3-24). Especialmente em Mt 24:14, o foco parecer ser o escopo universal da pregação do evangelho, e não necessariamente o papel da Divindade no processo de evangelização.

³⁶ O texto paralelo em Mc 13:10 omite a última parte, e as mesmas instruções dos dois evangelhos aparece em Lc 21:12-19, mas sem a menção ao alcance mundial da pregação do evangelho.

³⁷ Gadara era uma região de várias cidades. Enquanto Mateus (8:28) chama seus habitantes de “gadarenos”, Marcos (5:1) e Lucas (8:26) registram a expressão “gerasenos”. Alguns manuscritos desses dois evangelhos registram a variante “gadarenos”, indicando, possivelmente, a confusão dos copistas, em séculos posteriores, com a similaridade entre as palavras e seu desconhecimento da geografia da Palestina (Mare, 2004, p. 32).

“Jesus lhe disse: ‘Deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos; você, porém, vá e proclame [*diangelle*] o Reino de Deus’” (Lc 9:60).³⁸ Apesar de estranho, esse dito precisa ser visto a partir das práticas funerárias judaicas do primeiro século. Durante o período de luto, normalmente uma semana após o falecimento de alguém, os membros da família enlutada não eram vistos em público, ficando normalmente reclusos. Depois disso, com o corpo já tendo sido colocado numa tumba logo após a morte, a família retomava o ritmo normal da vida. Passado um ano, uma vez que apenas os ossos teriam permanecido no lugar do enterro, era dever do filho, ou outro parente, recolhê-los e colocá-los em um ossuário onde ficariam permanentemente.

Portanto, esse discípulo em potencial poderia estar pedindo a Cristo um prazo de mais ou menos um ano antes de comprometer-se com o Mestre. É possível também que a expressão simplesmente refletisse a responsabilidade de cumprir as obrigações filiais até que o pai falecesse. Desse modo, enquanto a resposta de Jesus nos versos seguintes (Lc 9:61-62) enfatiza a urgência do chamado ao discipulado, esse texto enfatiza a prioridade de seguir Cristo e cumprir seu mandato de espalhar as boas-novas da salvação por meio da pregação (Nolland, 2005, p. 542; Keener, 2014, p. 205).

No contexto das últimas instruções aos discípulos antes de ascender ao céu, Jesus proferiu as seguintes palavras, conforme registra Lucas: “e que em seu nome seria pregado [*kērychthēnai*] o arrependimento para perdão de pecados a todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc 24:47).³⁹ É importante o contexto desse versículo, uma vez que o evangelista mostra Jesus abrindo o entendimento dos discípulos para a Escritura (Lc 24:45). Uma vez que eles compreenderam Sua obra e a missão a partir da Bíblia, poderiam agora falar dessa mensagem.

Além do mais, esse texto ecoa o que Cristo disse em Mateus 24:14 e Marcos 13:10. A mudança aqui é que em vez da expressão “evangelho do Reino”, Lucas registra “arrependimento para perdão de pecados”. O efeito da pregação deve ser a regeneração dos ouvintes, dando a eles a oportunidade da remissão de suas faltas mediante a fé em Cristo e Sua obra na cruz. O arrependimento e o perdão são pregados “em seu nome”, isto é, no nome de Jesus. Ele permanece o centro de toda a pregação verdadeiramente bíblica e cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos desenvolver um quadro geral sobre Jesus como pregador, sua pregação e Suas instruções acerca da pregação por meio de um estudo a partir dos evangelhos sinóticos. Começamos destacando o vocabulário básico relacionado à pregação usado nos evangelhos. Depois, observando a ordem canônica, enfatizamos os textos que primariamente descrevem Cristo pregando e/ou anunciando Sua mensagem. Em seguida, nos voltamos para os versos que focam o conteúdo da pregação de Jesus. Por fim, identificamos algumas instruções de Cristo aos Seus discípulos as quais têm ligação direta com a prática da pregação.

À guisa de conclusão, gostaríamos de sumarizar as principais implicações que podem ser

³⁸ O texto paralelo em Mt 8:21 não registra a segunda parte da instrução de Jesus como no relato de Lucas.

³⁹ Todo o texto de Lc 24:45-49 é depois ampliado em At 1:1-8.

extraídas deste breve estudo. Tomando Jesus como modelo para os pregadores, podemos dizer que pregação e ensino andam de mãos dadas. Em se tratando do sermão, ele pode e deve ser o anúncio das boas-novas da salvação, mas também, em muitos momentos, ter caráter didático para ensinar os ouvintes como devem viver à luz do evangelho. A autoridade dos mensageiros é derivada da autoridade de Cristo e só é exercida no cumprimento da missão. Os pregadores, seguindo o exemplo de Jesus, não apenas aprimorarão as próprias técnicas e oratória, mas discipularão outros para que se tornem também mensageiros do evangelho. O trabalho que alivia as dores e mazelas físicas das pessoas anda de mãos dadas com o ministério da pregação; a “cura”, entendida em suas amplas dimensões sociais, físicas e psicológicas, é o exemplo prático e incarnacional da verdade declarada na proclamação.

Assim como exemplificado na pregação de Jesus, é salutar o uso de ilustrações, desde que cumpram o mesmo papel: iluminar e aprofundar a verdade. Uma sólida teologia bíblica deve estar por detrás da proclamação, unificando tudo aquilo que é dito no púlpito. A vida devocional dos pregadores afeta diretamente a influência deles mesmos e de sua mensagem. Os mensageiros devem falar das boas-novas de Cristo onde forem solicitados, sem se deixar levar por uma fama ilusória. Todos, em todos os lugares, são o público-alvo daqueles que anunciam o evangelho. O conteúdo da pregação deve ser encontrado unicamente na Palavra de Deus, evitando tanto quanto possível que ideias de origem humana sejam apresentadas no púlpito como se fossem mensagem divina.

A pregação de Jesus mostra que Sua própria vida e obra eram o centro de convergência dela. Os mensageiros modernos devem apontar apenas para Cristo como o eixo sobre o qual todas as verdades encontram sua razão e força. Não lhes cabe preocupar-se com os que rejeitam abertamente a mensagem por eles enviada. O justo juízo pertence a Deus. Sua tarefa é, como o semeador, espalhar a semente, deixando com o “senhor da seara” os resultados de seus esforços. Apesar disso, o desdobramento imediato da pregação deveria ser pessoas mais esperançosas, mais próximas de Cristo e mais comprometidas com Ele e sua doutrina. Há lugar para o testemunho pessoal na pregação, desde que isso não ofusque o lugar proeminente da verdade e de Cristo.

A ordem do Mestre foi pregar Sua mensagem, não a nossa própria. Antes de sair falando em nome dEle, cabe aos pregadores passarem tempo com a fonte da mensagem, com o maior dos mensageiros. Fazendo isso, os sermões exaltarão apenas a Cristo e Sua obra redentora, e não as estratégias de Satanás. Levar a mensagem de esperança em um Salvador vivo que intercede no santuário celestial deve ser a prioridade de todo discípulo de Jesus.

Por fim, cabe ressaltar que os próprios quatro evangelhos são a pregação apostólica sobre a vida e ministério de Jesus, especialmente sua obra expiatória na cruz.⁴⁰ Vale notar, conforme apontado por Long, que durante o ministério terrestre de Cristo os discípulos pregavam as palavras de Jesus, mas a ressurreição mudou esse panorama: passaram a pregar *sobre* Jesus (Long, 1993, p. 461). Cristo se tornou a essência e a substância da sua pregação. Que essa seja a essência e a substância da pregação também hoje.

⁴⁰ Em média, os evangelhos devotam cerca de um terço de seu conteúdo aos últimos momentos da vida de Jesus. Mateus e Marcos dedicam aproximadamente um terço aos eventos relacionados a cruz (Mt 21-28; Mc 11-16), Lucas, um quarto (19-24), e metade de João tem como foco a crucifixão de Cristo (Jo 12-20).

REFERÊNCIAS

- BLOMBERG, Craig L. **Interpreting the Parables**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1990.
- BLOMBERG, Craig L. Matthew. In: BEALE, Gregory K.; CARSON, D. A. (Ed.). **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007. p. 48-50.
- BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**. São Paulo: Shedd Publicações, 2006.
- BOCK, Darrell L. **Luke**. The IVP New Testament Commentary Series. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994.
- BODEY, Richard A. Sermon (Homily). In: WEBBER, Robert E. (Ed.). **The Biblical Foundations of Christian Worship**. Peabody, MA: Hendrickson, 1993. p. 297-98. (The Complete Library of Christian Worship 1).
- BROER, I. angellō. In: BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. (Ed.). **New International Dictionary of New Testament Theology and Exegesis**. Grand Rapids, MI: Zondervan. vol. 1. 1990. p. 12-13.
- BROMILEY, Geoffrey W. Preaching. In: FAHLBUSCH, Erwin; LOCHMANF, Jan Milič; MBITI, John; PELIKAN, Jaroslav; VISCHER, Lukas (Ed.). **The Encyclopedia of Christianity**. Grand Rapids, MI; Leiden: Eerdmans; Brill, v. 4, 2005. p. 331-335,
- BUTRICK, David. Proclamation. In: WILLIMON, William H.; LISCHER, Richard (Ed.). **Concise Encyclopedia of Preaching**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1995. p. 385.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J. **An Introduction to the New Testament**. 2nd. ed. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005.
- CRADDOCK, Fred B. Preaching. In: FREEDMAN, David Noel. **The Anchor Yale Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1995. v. 5, p. 451-452.
- DANKER, Frederick W.; BAUER, Walter; ARNDT, William F.; GINGRICH, F. Wilbur. **Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3. ed. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2000.
- DAVIDSON, Richard M. Interpretação bíblica. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 67-119.
- DOBER, Hans Martin. Sermon. **The Brill Dictionary of Religion**, n. 4, p. 1707-1710,
- DODD, Charles Harold. **The Apostolic Preaching and Its Developments: Three Lectures**. Chicago, IL: Willett, Clark & Co., 1937.

EDWARDS JUNIOR., Otis Carl. **A History of Preaching**. 2 vols. Nashville, TN: Abingdon Press, 2004.

FATTI, F. Preaching. In: DI BERARDINO, Angelo. **Encyclopedia of Ancient Christianity**. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2014. v. 3, p. 274-280,

FRANCE, Richard T. **Matthew**: An Introduction and Commentary. Tyndale New Testament Commentaries 1. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1985.

FRANCE, Richard T. **The Gospel of Mark**: A Commentary on the Greek Text. NIGTC. Grand Rapids, MI; Carlisle: Eerdmans; Paternoster Press, 2002.

GRIFFITHS, Jonathan I. Preaching in the New Testament: An Exegetical and Biblical-Theological Study. In: CARSON, D. A. (Ed.). **New Studies in Biblical Theology**. London: InterVarsity Press; Downers Grove, IL: Apollos, 2017. p. 17.

GUELICH, Robert A. **Mark 1-8:15**. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1989. v. 34A.

HAGNER, Donald A. **Matthew 14-28**. Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1995. v. 33B.

HENDRIKSEN, William. **Mateus**. Comentário do Novo Testamento. 2 vols. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

KEENER, Craig S. **The IVP Bible Background Commentary: New Testament** 2nd. ed. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2014.

LONG, Thomas G. Preaching, Theology of. In: MCGRATH, Alister E. (Ed.). **The Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought**. Oxford: Blackwell, 1993. p. 462.

LOUW, Johannes P; NIDA, Eugene A. (Ed). **Greek-English Lexicon of the New Testament**: Based on Semantic Domains. 2 vols. New York: United Bible Societies, 1996.

MARE, W. Harold. **New Testament Background Commentary**: A New Dictionary of Words, Phrases and Situations in Bible Order. Ross-shire, UK: Mentor, 2004.

MARSHALL, I. Howard. **The Gospel of Luke**: A Commentary on the Greek Text. NIGTC. Exeter: Paternoster Press, 1978.

METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**: A Companion Volume to the United Bible Societies' Greek New Testament (fourth revised edition. 2nd. ed. New York: United Bible Societies, 1994.

MORRIS, **The Gospel according to Matthew**. The Pillar New Testament Commentary Grand Rapids, MI; Leicester: Eerdmans; InterVarsity Press, 1992.

MOUNCE, Robert H. **Matthew**. Understanding the Bible Commentary Series. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2011.

NEUSNER, Jacob; GREEN, William Scott (Ed.). **Dictionary of Judaism in the Biblical Period:** 450 B.C.E. to 600 C.E. Peabody, MA: Hendrickson, 1996.

NOLLAND, John. **The Gospel of Matthew:** A Commentary on the Greek Text. NIGTC. Grand Rapids, MI; Carlisle: Eerdmans; Paternoster Press, 2005.

NOLLAND, John. **Luke 1:1-9:20.** Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1989. v. 35A.

NOLLAND, John. **Luke 9:21-18:34.** Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 1989. v. 35B.

NUNES, Leonardo Godinho. A Parábola do Semeador no Evangelho de Mateus. **Hermenêutica**, n. 7, p. 71-72, 2007.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica:** uma nova abordagem à interpretação bíblica. Tradução de Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAO, David W.; SCHNABEL, Eckhard J. Schnabel. Luke. In: BEALE, Gregory K.; CARSON, D. A. (Ed.). **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament.** Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007. p. 288-289.

RICE, Charles L. Preaching. In: ELIADE, Mircea (Ed.). **The Encyclopedia of Religion.** New York, Macmillan: 1986. v. 11, p. 494-496, 1990.

SAPERSTEIN, Marc. Preaching. In: KESSLER, Edward; WENBORN, Neil (Ed.). **A Dictionary of Jewish-Christian Relations.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2005. p. 351-353.

SILVA, Moisés. **New International Dictionary of New Testament Theology and Exegesis.** Grand Rapids: Zondervan, 2014.

SMIT, Peter-Ben; RENSSSEN, Toon. The *Passivum Divinum*: The Rise and Future Fall of an Imaginary Linguistic Phenomenon. **Filología Neotestamentaria**, n. 27, p. 3-24, 2014.

STRECKER, G. euangelizō. In: BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. (Ed.). **New International Dictionary of New Testament Theology and Exegesis.** Grand Rapids, MI: Zondervan. vol. 2. 1990. p. 69-70.

STRECKER, G. euangelion, ou, to. In: BALZ, Horst Robert; SCHNEIDER, Gerhard. (Ed.). **New International Dictionary of New Testament Theology and Exegesis.** Grand Rapids, MI: Zondervan. vol. 2. 1990. p. 70-74.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de Exegese Bíblica:** Antigo e Novo Testamento. Tradução de Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo, SP: Vida Nova, 2008.